

Lambida

por Luana Navarro

As imagens que vemos, como uma cultura, ajudam a definir e expandir nossos sonhos, nossas imagens do que é possível.

Imagens de quem somos nos ajudam a visualizar quem podemos ser.

Tee Corinne

Em entrevista* para Adriene Rich, a poeta negra lésbica Audre Lorde, ao comentar sobre seu processo de criação em um contexto de supremacia de imagens e escritos heteronormativos e brancos, descreve que *havia muitas emoções complexas para as quais não existiam poemas*. Foi na falta que Lorde construiu tantas imagens e deu forma e palavra ao que também outras mulheres sentiam e viviam, criando a possibilidade de existência para muitas. Na mesma entrevista, Lorde diz, *eu tinha uma imagem de tentar alcançar algo que dobrava uma esquina, algo que me escapava por pouco. A imagem estava constantemente desaparecendo*. No processo de estruturação desta exposição, perguntei-me diversas vezes: quais imagens estariam dobrando a esquina e escapando? Esvanecendo repentinamente e sem apreensão possível?

A seleção inclui aqui artistas de gerações e localizações geográficas distintas, buscando colocar em relação e diálogo vivências singulares. Estão presentes os trabalhos de cinco artistas dissidentes de gênero, bissexuais, sapatões e lésbicas que pensam em suas obras reinvenções do corpo e da imagem do corpo, que parecem agarrar de algum modo e nos oferecer imagens antes de dobrarem a esquina através de gestos poéticos que, assim como em uma lambida, suscitam ações como saborear, deglutar, engolir, tocar e ser tocada. Participam: Camila Macedo, Lívia Auler, Luiza Morgado, Roseane Santos e Yacunã Tuxá.

Alguns dos trabalhos apresentam como questão comum cenas de um prazer possível, a partir da fricção de corpos distintos, mas não só. Nas gravuras da pernambucana Luiza Morgado, a vida pulsa no cotidiano íntimo, banal e nos elementos e miudezas da cultura sapatão. Na arte digital de Yacunã Tuxá, artista do povo indígena Tuxá de Rodelas, Bahia, o corpo cintila o gozo e também o choro, emoções aparentemente contraditórias, mas que postas lado a lado se atravessam, evidenciando um limite tênue entre uma coisa e outra. Na série fotográfica da multiartista carioca radicada em Curitiba, Roseane Santos, é reproduzida a marca indidual do sangue menstrual em processo de secagem. Ao vivenciar o início da menopausa, a artista decide documentar aquilo que poderia ser, a cada mês, um último ciclo. Seu corpo está ali, nas manchas vivas que evocam também territórios em um mapa se fazendo. Camila Macedo, cineasta curitibana, desloca-se de trás da câmera para colocar seu corpo em cena, construindo e destruindo no vídeo imagens de supostos seres femininos, masculinos, o trabalho suscita justamente a possibilidade de sermos outras, sem nomes, sem apreensão, possíveis em

imagens e em corpos ficcionais e em desejo de ficção. Se há corpos ficcionais que extrapolam as heteronormatividades e nos possibilitam rotas de fuga, há a ficção da história da arte, tal qual é ensinada nas escolas e universidades e que tenta, a todo custo, *nortear* formas de criação e representações. Engajada em desfazer narrativas situadas neste campo específico, a gaúcha Lívia Auler se apropria de imagens de casais de mulheres e as insere em pinturas, criando rupturas nas representações consolidadas. Usando procedimento semelhante, Lívia também homenageia a fotógrafa estadunidente lésbica, que viveu entre o final do século XIX e início do século XX, Alice Austen, sinalizando a importância e o desejo de saudar nossas antepassadas.

As artistas presentes colocam no mundo trabalhos que deslocam nosso imaginário, há possibilidade de existência aqui, agora, apesar de tudo, apesar de estarmos no Brasil, este país atravessado por violências estruturais. A exposição não entrega e nem pretende entregar as imagens que escapam, porque, inclusive, em alguns contextos, não serem apreendidas pode ser a possibilidade de existência, mas, aqui, o que se mostra potencializa um desejo de futuro em vida. Se, como mulheres, sapatões, sapatões, bissexuais e pessoas dissidentes de gênero, tantas vezes nos foram imputadas, como única possibilidade, narrativas e revelações de histórias tristes e fadadas ao fracasso, lembramos que às vezes lamber ajuda a curar a ferida e que nossas questões se formulam a partir de lugares e desejos diversos, não podendo ser capturadas em estereótipos definidores de identidades ou relações. Que os imaginários se abram para os sonhos ainda não sonhados.

CORINNE, Tee. Wild Lesbian Roses: Essays on Art, Rural Living, and Creativity 1986-1995. San Francisco: Pearlchild, 1997.

*Uma entrevista; Audre Lorde e Adrienne Rich. In LORDE, Audre. Irmã outsider. Belo Horizonte: Autêntica, Editora. 2019.